

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PEDRO BELLINI EMMANOELLI

**O ESPORTE SEGUNDO ALLEN
GUTTMANN: um diálogo com
seus modelos ideais**

Campinas
2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

Em61e Emmanoelli, Pedro Bellini.
O esporte segundo Allen Guttmann / Pedro Bellini Emmanoelli. -
Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Silvia Cristina Franco Amaral.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Sociologia - Esportes. 2. Esporte. 3. Allen Guttmann. I. Amaral,
Silvia Cristina Franco do. II. Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação Física. III. Título.

dilsa/fef

Título em inglês: Sports from Allen Guttmann's perspective: a dialog with his ideals models.

Palavras-chave em inglês (Key-words): Sociology - Sports; Sport; Allen Guttmann.

Banca examinadora: Henrique Okajima Nakamoto; Jocimar Daolio; Silvia Cristina Franco do
Amaral.

Data da defesa: 07/12/2010.

PEDRO BELLINI EMMANOELLI

**O ESPORTE SEGUNDO ALLEN
GUTTMANN: um diálogo com
seus modelos ideais**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Sílvia Cristina Franco Amaral
Co-Orientador: Henrique Okajima Nakamoto

Campinas
2010

PEDRO BELLINI EMMANOELLI

O ESPORTE SEGUNDO ALLEN GUTTMANN: um diálogo com seus modelos ideais

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Pedro Bellini Emmanoelli e aprovado pela Comissão julgadora em: ____/____/____.

Sílvia Cristina Franco Amaral
Orientadora

Jocimar Daolio

Campinas
2010

Dedicatória

Dedico este trabalho àqueles que observam e se questionam das coisas mais simples, mais banais de nosso cotidiano. Dedico este trabalho àqueles que estranham o esporte, sua presença e sua força em nosso meio.

Agradecimentos

Agradeço à Faculdade de Educação Física da UNICAMP, seus professores e funcionários, por proporcionar-me momentos de eterna aprendizagem e alegria! Agradeço àqueles que me incentivaram, que me apoiaram e que se dedicaram ao máximo para tornar estes 5 anos inesquecíveis em minha vida!!

Agradeço à Sílvia! Querida orientadora! Desde o início, desenvolver idéias, projetos e leituras ao seu lado foi desafiador e excitante! Compreensão, respeito e acolhimento são palavras que não podem faltar neste pequeno e singelo agradecimento! Ficam registrados aqui meu carinhoso abraço e grande sorriso de gratidão!!

Agradeço ao Henrique! Fera! Quem auxiliou-me de perto, linha por linha, parágrafo por parágrafo!! Agradeço imensamente seu empenho e dedicação, meu caro! Sem você este trabalho teria sido muito mais tortuoso e, arrisco dizer, muito menos profundo e personalizado! Minha admiração por sua inteligência e serenidade se confirmou durante esses breves meses de estudo!! Deixo este agradecimento por aqui, *'deixando o zap'* para quando pessoalmente nos encontrarmos!

Minhas palavras de gratidão encaminham-se ao professor Dr. Jocimar Daolio, membro da banca deste trabalho. Agradeço, professor, por aceitar nosso convite, mas, principalmente, pelos anos que passamos juntos, pelos ensinamentos e abraços verdadeiros!

Agradeço, claro, aos meus amigos, bons e velhos (alguns novos) amigos. Àqueles que participaram deste trabalho e aos que não participaram, devido minha ausência e confinamento. Agradeço vocês pela compreensão e carinho! Acreditem. Fizeram muita falta os sambas, os jogos de sábado, as festas de quinta! E agora, há que se recuperar os dias ausentes!! Quando é o próximo churrasco?!

Por fim, família querida, emociono-me a aqui agradecê-los.

... O incentivo. A compreensão. O amor que me ofereceram nestes dias de minha vida foram intensos e mágicos. Estou com saudades de entregar-me a vocês e deixar de lado essa coisa barulhenta cheia de botões e fios!! Manifesto minha gratidão a cada um de vocês; Pai, Mãe, Lala, Gigio, Jonny, Bia, Gu, Ta, Ale, Isabel e Cesinha! Vere, Má, Maiara, Fabi e Vô!! Querido Vô!!

EMMANOELLI, B. Pedro. **O esporte segundo Allen Guttmann**: um diálogo com seus modelos ideais. 2010. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

Estimulado por algumas questões e incertezas sobre os conceitos, definições e significados do esporte presentes no meio acadêmico, este trabalho surge em busca de aprofundar leituras e clarificar conhecimentos acerca deste âmbito. Apresenta-se, aqui, o início de uma longa caminhada sobre as contribuições de importantes teóricos para a Sociologia do Esporte. O presente estudo debruça-se sobre a obra de um dos mais citados autores da sociologia do esporte, na Educação Física brasileira: Allen Guttmann. A partir da leitura e análise de *From Ritual to Record* (GUTTMANN, 1978), buscou-se identificar três aspectos relevantes para a construção do panorama geral sobre tal fenômeno: (1) o conceito e definição de esporte utilizados pelo autor, assim como, (2) as perspectivas teóricas que baseiam tais concepções e (3) os significados e funções que o esporte tem na sociedade moderna. Por meio de uma análise baseada na Análise de Conteúdo, o processo mostrou-se rico em detalhes e desafios. Durante o estudo, memórias e recordações esportivas do próprio autor da pesquisa afloraram, ora por aproximação, ora por distanciamento dos pressupostos apontados por Guttmann. Mostrou-se, assim, uma possível trilha a seguir em meio a jornada traçada; dialogar com as contribuições do autor estudado a partir de reflexões e interpretações de recordações próprias. Pautado, então, em leituras e pressupostos caros à etnografia e a pesquisas antropológicas, o segundo capítulo deste trabalho apresenta a interpretação de uma vivência esportiva do presente autor durante sua adolescência a partir da perspectiva indicada na obra *From Ritual to Record*. Um diálogo, uma atribuição dos preceitos teóricos à determinada prática; atividade realizada não por fins de verificar a adequabilidade do modelo apresentado, tampouco de colocar à prova tais idéias, mas como forma de expressar a nova sensibilidade acerca de minhas experiências esportivas conquistadas a partir da leitura de Guttmann.

Palavras-Chaves: Sociologia - Esportes, Esporte, Allen Guttmann

EMMANOELLI, B. Pedro. **Sports from Allen Guttmann's perspective: a dialog with his ideals models.** 2010. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

Stimulated by some questions and uncertainties about the concepts, definitions and meanings of the sport present in the academic field, this work brings further readings and knowledge clarification about this field. We present here the beginning of a long walk on the contributions of major theorists for the Sociology of Sport. This study focuses on the work of one of the most cited authors of the sociology of sports in the Brazilian academic: Allen Guttmann. From reading and analysis of *From Ritual to Record* (Guttmann, 1978), we sought to identify three important aspects for the construction of the overview of this phenomenon: (1) the concept and definition of sport used by the author and, (2) the theoretical perspectives that support these concepts and (3) the meanings and functions that the sport has in modern society. Through a methodology based on Content Analysis, the process proved to be rich in detail and challenges. During analysis, sports memories of the author's research surfaced, either by approximation, either by distancing the assumptions pointed out by Guttmann. It was shown, thus, a possible track to follow through on the journey mapped out; to dialogue with Guttmann's contributions by reflecting and interpreting the own memories of this work's author. Lined then readings and assumptions expensive to ethnography and anthropological research, the second chapter of this paper presents an analysis of a sporting experience of this author during his adolescence from the perspective indicated in the work *From Ritual to Record*. A dialogue, an award given to the theoretical rules of practice, activity performed not by the purpose of verifying the suitability of the model, either to put to test these ideas, but as a way of expressing the new sensitivity about my sport experiences conquered from reading Guttmann.

Keywords: Sociology - Sports; Sport; Allen Guttmann

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	Fluxograma.....,.....	22
Figura 02 -	As características do esporte em diferentes épocas ,.....	28

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEF Faculdade de Educação Física

UNICAMP Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 - Introdução.....	12
2 - From Ritual to Record: análise textual	22
2.1. O conceito de esporte e suas características	23
1.2 Influências teóricas	31
2.3. Significados e funções do esporte na sociedade	38
3 – Memórias esportivas: o caso do Bambuzinho F. C.	42
4- Considerações Finais.....	50
5 - Referências Bibliográficas	52

1 - INTRODUÇÃO

- Ainda bem que chegou! Só faltava você para começarmos! Encontre seu lugar e se prepare, pois o jogo já irá começar. Basta apertar a botão à sua frente quando se identificar com a descrição realizada; quem apertar mais rápido vence! Todos prontos?! Mãos atrás da orelha. Prepare-se... Valendo!

- Etapa 1: Apresente-se aquele que, em sua infância, nunca 'jogou bola' com os amigos. Apresente-se aquele que nunca subiu em cima de uma bicicleta e se imaginou em uma corrida com os colegas; aquele que nunca brincou de quem corria mais rápido, quem jogava a pedra mais longe, quem acertava mais a bola dentro do cesto; apresente-se aquele que nunca se imaginou o grande campeão mundial em realizar determinada tarefa; apresente-se aquele que ainda não experienciou a emoção da vitória, ou da amarga derrota em uma competição com seus colegas.

(uma vez que ninguém se identificou, o jogo continua...)

- Etapa 2: Edson Arantes do Nascimento - o Pelé, Michael Shummacher, João do Pulo, Michael Jordan, Maradona, Mike Tyson e Ayrton Senna. Apresente-se aquele que não conhece as pessoas citadas.

(Silêncio entre os participantes)

- Etapa 3 - Apresente-se aquele que desconhece as palavras 'vôlei', 'futebol', 'basquete', 'atletismo' e 'olimpíada'.

(nada de respostas...)

- Etapa 4: Apresente-se quem nunca ouviu gritos de torcida em pleno domingo à tarde; quem nunca reparou nas camisetas de clubes de futebol que circulam pelas ruas; quem nunca viu um grupo de amigos 'jogando' algo; quem nunca presenciou, interrompeu e/ou participou de uma conversa sobre determinado atleta - na mesa do bar, em casa, no trabalho, no trânsito.

(...)

Etapa 5: Apresente-se, então, aquele que desconhece o Esporte.

Questões inimagináveis, estas. Ora, quem nunca apostou corrida com um colega, ou não viu nenhuma camiseta de clubes esportivos profissionais colorindo as ruas? Afinal de contas, quem não conhece o esporte?

Fenômeno conhecido e reconhecido internacionalmente; duas crianças, de localidades opostas do globo, ao se encontrarem não se compreenderão muito bem, até que uma bola de futebol seja colocada entre ambas e o diálogo entre elas se torne fluente. Fenômeno de linguagem própria, de linguagem universal, que, assustadoramente, invade nossos dias. Seja no café da manhã, ao ler um jornal com a manchete daquele famoso atleta, seja na ida ao trabalho por onde vemos aquele grupo de garotos arremessando uma bola ao cesto, seja na mesa do almoço com o colega sorrindo a toa por seu time preferido ter perdido na rodada anterior, seja na internet, no rádio, na televisão; não existe hora, local, nem motivo para entrar em contato com o Esporte.

Clara foi sua evolução nos últimos séculos: de meras práticas locais a grandiosos eventos globais, com bilhões de espectadores e fãs. Milhares são as pessoas que dependem de tal meio como principal fonte financeira. Milhares são as pessoas que contam suas economias para comprar um ingresso para ver seu time de perto; milhares são as pessoas que aos finais de tarde se encontram para praticarem, juntas, o que se chama de esporte. Trata-se, realmente, de um grande fenômeno, uma indústria, como alguns chegam a se referir.

Não se pode, assim, negar sua presença e influência na vida das pessoas, nem mesmo fechar os olhos para sua importância para a sociedade. Notoriedade esta que estimulou grandes teóricos a pensarem a respeito de tal fenômeno, principalmente a partir do séc. XIX, época em que compreensões, definições, teses e teorias foram elaboradas sobre este assunto, o qual nem sempre foi analisado sob o mesmo aspecto, com os mesmos parâmetros e, principalmente, sob os mesmos referenciais teóricos.

Um assunto polêmico. Uma palavra polissêmica. Segundo alguns autores, prática atemporal, existente desde as comunidades mais antigas. Entretanto nem todos concordam com esta perspectiva, defendendo a compreensão de que o esporte é algo inventado, com época, local e razão específica. Por um lado, compreendido por seus aspectos locais e, por outro, por sua institucionalização, regramento e reconhecimento em nível mundial.

Encontram-se, portanto, diferentes linhas de pensamento, teorias e teses sobre o

desenvolvimento histórico, as características, funções e significados deste fenômeno na sociedade. Fato bastante interessante, considerando-se a riqueza deste assunto que, no âmbito acadêmico, torna-se problemático ao se tentar argüir sobre esporte sem conhecer, devidamente, as principais teorias que o explicam.

Diante desta problemática e da intensa relação deste fenômeno com o cotidiano, o presente estudo surgiu a partir do interesse em identificar, descrever e comparar os principais – mais utilizados - conceitos de Esporte na literatura brasileira. Obras de autores como Allen Guttman, Jean Marie Brohm, Norbert Elias e Pierre Bourdieu foram elencadas como fontes primárias deste trabalho. Uma proposta de identificação dos conceitos e definições de esporte utilizados pelos seus autores, assim como, seus respectivos referenciais teóricos para, posteriormente, compará-los, a fim de esclarecer os diferentes significados atribuídos ao esporte e esclarecer semelhanças e diferenças em sua compreensão. Proposta esta audaciosa e profunda.

Seria como um jovem e ambicioso jardineiro, responsável por transformar, em poucos meses, um pequeno e discreto canteiro de terra em um belo, colorido e harmonioso jardim. Para isso, planejara todo o espaço e escolhera a dedo as plantas que ali viveriam. Havia elegido quatro grandes flores, raras e únicas para aquela região: Allen Guttman, Jean Marie Brohm, Norbert Elias e Pierre Bourdieu. Ainda que muitos conhecessem rumores, poucos de seu entorno conheciam de perto o brilho e o perfume daquelas espécies. Formaria, com as próprias mãos, um jardim exuberante, estava certo disso!

Um desafio traçado: construir um panorama das principais concepções de esporte na literatura, assim como identificar sob quais pressupostos teóricos estas concepções foram traçadas. Um jardim elaborado, com flores grandes a serem plantadas e tempo curto de execução.

Indeciso ficou por alguns minutos, entretanto, com qual iniciar o processo, afinal de contas tratavam-se de mudas grandes e pesadas, não havia como carregar mais de uma por vez até seu canteiro. Após escolher, espalhava satisfação em se propor tamanho desafio. O ar de felicidade chamou a atenção de um simples senhor que podava um arbusto em seu quintal:

- Vejo que carrega grande alegria consigo, meu jovem. O que tens em seu colo?-

Perguntou o senhor, não desviando o olhar de seus afazeres. E o jovem lhe respondeu contando sua intenção de transformar um espaço de terra em um belo e cheiroso jardim, mostrando-lhe, como quem exhibe troféus, a primeira planta que ali plantaria. O senhor continuou a podar o arbusto, cortou um, dois, três galhos secos até continuar a conversa, olhando agora para o jovem rapaz:

- Pois então debes saber que escolheste plantas raras e estrangeiras. Belíssimas e com perfumes inconfundíveis, mas que exigem muito de seu cuidador. Mais que água e solo fértil, precisam de muito carinho e atenção. Belezas raras, cuidados raros! - E logo se virou, como se o verde arbusto lhe chamasse pedindo para que continuasse o que estava fazendo.

Decidiu-se por iniciar o processo com a obra *From Ritual to Record*, do autor americano Allen Guttman, elaborada em 1978, uma das obras mais antigas dentre os autores inicialmente escolhidos¹. Optou-se, assim, por mergulhar em seu mundo, desvendar sua obra e se apropriar de tênues detalhes de seu legado, destrinchar seus capítulos pautados em três eixos de análise: (1) as definições e conceitos de esporte, (2) os pressupostos teóricos utilizados pelo autor, assim como, (3) os significados e funções do esporte na sociedade – um processo que, conforme alertado pelo velho jardineiro, exigiria atenção e tempo para uma leitura profunda, uma dedicação maior que prover água e solo fértil, uma verdadeira imersão à obra do autor.

Despediram-se e o jovem continuou sua pequena caminhada. A euforia dava lugar à estranheza. A cada passo relembra as palavras do velho jardineiro, ora as refutava, ora as *aceitava como sermão “...belezas raras, cuidados raros...”*.

Após breves reflexões e devaneios, continuou sua caminhada em direção ao canteiro, agora em passos largos e confiantes. Lá chegando, pensou muito bem onde a plantaria. Olhou para um canto, olhou para o outro. Pensou no meio. Sem medo de errar cavou um buraco na terra, não no meio, nem nos cantos, sem simetrias, nem medidas. Pousou a larga, porém frágil, em solo úmido e fresco, acomodando-a com a terra que preparara horas antes; havia, então, iniciado seu tão esperado jardim!

Dias se passaram. Grandes mudanças não aconteciam. O jovem jardineiro preocupava-

¹ Sociologia Política do Esporte (Jean Marie Brohm, 1976), *From Ritual to Record* (Allen Guttman, 1978), *Questões de Sociologia*, (Pierre Bourdieu, 1983) e *A Busca da Excitação* (Norbert Elias e Eric Dunning, 1985)

se. “Faltava-lhe água?”... “Sol! Precisa de sol!”. Andava de um lado a outro. Virava de costas e distraía-se com pequenos afazeres, na expectativa de, ao se virar novamente, ver um belo botão, ou notar o esperado crescimento. Porém nada disso acontecia. Eis que o velho e sábio jardineiro vizinho por ali passando, notou que a primeira muda havia sido plantada:

- Parabéns, meu caro jovem! Iniciaste o processo! Deixe que agora ela crie suas raízes, estabeleça o contato com seu novo habitat, garantindo alimentos e estabilidade para seu crescimento! – e continuou a caminhar, por fim desejando-lhe um bom dia.

Sem palavras ficou o jovem jardineiro. Sensações o impediam de gesticular, falar ou andar. Era alívio misturado com gratidão e admiração por tamanha experiência e serenidade do senhor que passara. Voltou-se com olhar manso para a pequena planta e sorriu; estava, sim, crescendo saudável!

Por baixo da terra não se via, mas as raízes cresciam. Aos poucos perfuravam a terra, abriam caminhos e se retorciam. Expandiam-se. Acostumavam-se com aquela terra nova, desconhecida. O momento era de euforia, novidades. Sugavam ao máximo que podiam seu habitat. Alimentos e água. Água e alimentos. Aos poucos tornavam-se preparadas para sustentar e alimentar o desenvolvimento harmônico de seu caule, folhas e flores.

As leituras, então, iniciaram-se. Entretanto o texto em questão não era de Allen Guttmann, muito menos sobre esporte. Dedicou-se muito empenho sobre os aspectos metodológicos. As raízes do trabalho estavam crescendo e se fortalecendo; o momento era de orientar passos futuros para garantir uma análise vertical sob opiniões, conceituações e teses lançadas pelo autor, enxergando-as como importantes objetos de estudo. Durante o mês inicial do trabalho, leituras, estudos e discussões a respeito, principalmente, da análise de conteúdo foram feitas – seria esta a metodologia ideal para alcançarmos os objetivos traçados?

Compreendendo-a como

... um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1994).

adotou-se tal metodologia como embasamento metodológico principal da pesquisa, por entender que a mesma possibilitaria ao pesquisador, além da compreensão da mensagem

transmitida pela obra, a identificação de pontos centrais, os indicadores acima citados, permitindo a construção da compreensão das perspectivas teóricas utilizadas pelo autor. Entretanto, deve-se ressaltar que, conforme apontam os estudos a respeito de tal metodologia, a análise de conteúdo mostra-se um estudo profundo sobre seu objeto de estudo, preocupando-se em, não somente realizar as ações acima descritas, mas em contextualizar a obra, analisar suas condições de produção, identificar e justificar o caminho teórico adotado pelo autor, sendo comumente necessário o contato do pesquisador com materiais extras à obra analisada.

Este trabalho ateve-se, unicamente à obra em questão, excluindo quaisquer outros meios senão as próprias contribuições de Guttman. Estudaram-se minuciosamente as páginas, possibilitando identificações e interrelações entre seu conteúdo, entretanto não abarcou maiores contextualizações, identificações nem justificativas, o que significa dizer que o estudo realizado em *From Ritual to Record*, baseou-se em uma análise de conteúdo, mas não o fez com tamanha profundidade.

O caule, então, mostrava-se preparado para seguir seu rumo. Aos poucos engordava e crescia, crescia e engordava. Apesar de seu lento crescimento vertical, seu vigor e sua saúde eram indiscutíveis. O jovem jardineiro estava orgulhoso. Após tanto planejamento e estudo ali estava o início de seu jardim, pouco a pouco crescendo e florescendo.

A cada dia que passava, o jovem dedicava-se mais e mais no cuidado daquela pequena *plantinha*, afinal “... *belezas raras, cuidados raros...*” – a voz do pequeno velho repetia várias e várias vezes em sua cabeça. Ciente de que havia escolhido uma planta sensível e estrangeira àquele ambiente, logo se prontificou a evitar toda e qualquer interferência maléfica do meio externo em seu crescimento e desenvolvimento. Certo dia acordou e levantou assustado, como quem tivesse despertado de um pesadelo. Logo correu para seu canteiro e, com todo cuidado possível, espetou uma estaca longa ao lado da planta, entrelaçando-os levemente; quando o fez sorriu e se encheu de satisfação, como quem havia evitado uma barbárie – sua preocupação com as brisas e eventuais rajadas de vento havia sido sanada. Dias depois a chuva foi motivo de sua inquietação, mas criativamente elaborou um pequeno abrigo impedindo o contato com o excesso de água. E assim continuou; longa exposição ao sol, remédios, inseticidas, adubos... Era como se nunca estivesse satisfeito, olhava para a pequena flor por minutos seguidos, não por

contemplação e alegria, mas buscando soluções para problemas até então inexistentes. Neste momento não pensava mais nas outras três flores que lhe aguardavam; precisava dar conta daquela primeiro.

O estudo da obra de Allen Guttman se desenvolveu durante meses, mostrando-se um processo longo e cuidadoso, ressaltando em cada linha, cada parágrafo e capítulo contribuições importantes acerca das compreensões do autor e de sua perspectiva teórica adotada, apontando, ao seu final, para uma identificação clara e concisa dos três eixos de análises previamente apresentados, atingindo com sucesso os problemas e carências iniciais que motivaram esta investigação. Destaque aqui para o empenho e atenção do pesquisador na tentativa de condução da análise da obra livre de interferências e influências externas. A concentração na leitura, compreensão e análises textuais eram, entretanto, freqüentemente interrompidas por memórias e recordações esportivas pessoais afloradas ora pela proximidade com o conteúdo lido, ora pela distância do mesmo. Preocupado, entretanto com a delicadeza e sutileza do processo, o jovem jardineiro poupava sua nova flor de quaisquer influências externas que lhe chamavam a atenção. Refutou-se arduamente, assim, todo e qualquer diálogo pessoal ao longo do processo de leitura, compreensão e análise da obra em questão.

E assim alguns meses se passaram. Ainda que de forma lenta e em um tempo maior que o estipulado, a muda cresceu, já era flor. Uma grande, bela e saudável flor. O jovem estava satisfeito. Sua alegria aumentava com cada botão que desabrochava, cada flor que surgia! Era o resultado de um árduo e peculiar trabalho. Estava a assoviar e cantarolar. Relembrava, agora, Jean Marie Brohm, Norbert Elias e Pierre Bourdieu; onde plantaria a próxima? Pensamentos interrompidos ao perceber a presença do velho jardineiro que estava a admirar o seu, agora, jardim.

Olhou para o pequeno senhor com o mesmo sorriso e energia de quando o encontrara pela primeira vez. Aguardava ansioso por palavras, elogios.

- Belezas raras, cuidados raros! ... Vejo que se dedicou muito para garantir essas cores, esse brilho esse perfume todo. Realmente uma figura rara e belíssima. Uma pena que mal consigo vê-la... – o sorriso no rosto do rapaz desmanchou-se. Como não conseguia vê-la? Estava logo ali, diante de seus olhos. E o velho *continuou*: “*Há tantos apetrechos, suportes e*

aparadores que mal posso imaginá-la natural... Empenhou-se muito para permiti-la crescer forte e saudável e obteve grandes resultados, porém seu trabalho ainda não terminou. Há que permitir que viva sua vida. Agora madura já não mais necessita de apoios, nem proteções, sabe buscar seus próprios alimentos, *resguardar-se das adversidades*”. *E sorriu. Como se lhe desse os parabéns não mais pelo trabalho até então realizado, mas por sua aceitação e escuta.*

Ao seu final, entretanto, com o estudo concluído, a flor madura, o diálogo, as trocas externas antes refutadas, mostraram-se cabíveis e caras à pesquisa. Crescia, assim, mais um ramo da raiz metodológica, o pesquisador deixava de se preocupar em compreender e analisar as contribuições de Guttman e se permitia refletir sobre a realidade a partir das idéias do autor.

Aos poucos então, o jovem jardineiro retirava as estacas, as proteções. Conforme caminhava no processo, percebia o quanto madura já estava. Continuar com tais barreiras com o meio externo seria, realmente, desnecessário. Admirava agora, não só suas cores, sua força, mas a sua dança conforme os ventos, sua envergadura conforme as chuvas. Admirava a quantidade de vida que atraía.

Perspectivas autobiográficas dialogaram, assim, com as contribuições de Allen Guttman. Recordações esportivas, corporais da infância, memórias afloradas foram, então, contextualizadas, explicitadas e analisadas a partir dos óculos de Guttman. Não somente foi proposta a aproximação, ou afastamento de tais recordações com as contribuições estudadas, mas uma análise interpretativa das mesmas a partir das concepções e teses apresentadas na obra estudada. Para tal, o distanciamento do autor, de suas próprias experiências, tornou-se essencial, não em busca de torná-las impessoais e descarregadas de significados, mas de se colocar como um novo observador das experiências vividas, um observador diferenciado após ter entrado em contato com as perspectivas de Guttman. Papel este, de retornar às práticas e manifestações previamente vivenciadas/observadas após um processo de estudo, recorrente de investigadores do campo das Ciências Sociais, em especial antropólogos.

Enquanto observava sua relação com o meio, lembrou-se das demais plantas que havia deixado para trás. Imaginou-as, mais uma vez, ali plantadas; um jardim de dar inveja,

seria. Mas não se mostrou abatido, muito menos frustrado por não tê-las plantado. Havia aprendido muito naqueles meses. E por certo continuaria a aprender muito. Lembrou-se logo do velho e calmo jardineiro que lhe falou com tanto carinho. Sorriu. Um sorriso de gratidão que recebia as cores vivas da flor à sua frente.

Sob tais moldes, iniciou-se, assim, o segundo e último momento do presente trabalho; uma breve análise autobiográfica a partir de pressupostos e conceitos estudados, buscando submeter à prova, dialogar, convalidar as concepções acerca de esporte apresentadas na obra *From Ritual to Record*, e aproveitando-se da nova sensibilidade acerca dos fatos vividos, conquistada com a leitura de Guttman. Uma sensibilidade que se pode chamar etnográfica, excetuando-se o fato de não lidarmos aqui com um estudo etnográfico. Como retratou Henrique Nakamoto, co-orientador, em uma de nossas conversas:

“Uma sensibilidade teoricamente pautada, por meio da qual certos aspectos dos grupos e práticas analisadas (no caso, as práticas e grupos dos quais participou o autor do presente trabalho) chamam a atenção, por constarem em estudos com os quais o pesquisador teve contato prévio (no caso, a obra *From Ritual to Record* de Allen Guttman)”.

O trabalho alinha-se, assim, com os estudos etnográficos ao se buscar, nesta etapa, realizar o exercício de tornar “o familiar em estranho”, conforme discorre Marco Paulo Stigger (2007, p. 33) sobre a tarefa principal dos etnógrafos e antropológicos, utilizando-se desta expressão, presente nos estudos de Magnani (1984), Durham (1986:1988), DaMatta (1987) e Laplantine (1994). Entretanto, o trabalho destoa dos estudos etnográficos por uma gama de razões, dentre elas o fato de não apresentar uma análise profunda em determinadas especificidades, uma “[...] descrição densa dos contextos sociais avaliados” (GEERTZ, 1989 apud STIGGER, 2007, p. 35), por exemplo.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que este trabalho baseou-se em duas metodologias distintas, aplicadas em momentos distintos do mesmo. Em seu primeiro capítulo *From Ritual to Record* – a análise, as atividades foram respaldadas por princípios da análise de conteúdo, buscando compreender as definições e conceitos apresentados pela obra, não para julgá-los ou provar sua aplicabilidade, mas para formar, juntamente com a identificação dos pressupostos teóricos adotados, um quadro teórico das contribuições de Guttman ao campo da sociologia do

esporte.

A elaboração do segundo capítulo baseou-se em princípios e características de metodologias importantes aos estudos das Ciências Sociais, em especial antropológicos e etnográficos. A partir da compreensão de tais metodologias, buscou-se aproximar recordações esportivas afloradas durante a leitura de Guttmann com a análise final de sua obra, interpretando tais momentos passados a partir dos pressupostos teóricos presentes no estudo realizado.

2 - FROM RITUAL TO RECORD: ANÁLISE TEXTUAL

Allen Guttman apresenta-nos uma obra de conceituações claras, diretas e argumentações dispostas em padrão recorrente; apresenta-nos uma construção de idéias e pensamentos que favorece a compreensão de suas perspectivas, opiniões e embasamentos. Dentre os seis capítulos dispostos, Guttman utiliza-se dos dois primeiros para esclarecer, qualificar e caracterizar os conceitos chaves de sua obra; brincadeira (play), jogo (game), esporte (sports) e esporte moderno (modern sports), apresentando e discutindo, em seu terceiro capítulo, as correntes teóricas que considera mais influentes neste assunto – o marxismo, o neomarxismo e o weberianismo, a qual é adotada com base teórica de suas análises. Seguindo, nos três capítulos seguintes, o autor problematiza casos específicos – o caso do beisebol, futebol americano e dos esportes individuais e coletivos – baseado na perspectiva teórica previamente fundamentada, encerrando sua obra, com uma breve conclusão.

A análise desta obra será guiada pelos três pontos centrais previamente apresentados, ainda que, por muitas vezes, não represente a seqüência da obra. Iniciar-se-á, então, com as contribuições do autor referentes ao (a) conceito de esporte utilizado e suas características, agregando trechos da obra relevantes para este ponto. Em seguida o texto enfocará as (b) influencias teóricas adotadas pelo autor, momento de elucidar os pilares que sustentam as idéias, reflexões e argumentações de Allen Guttman. Por fim, mas não menos importante, (c) os significados e funções do esporte na sociedade, apresentando quais relações são compreendidas entre o esporte e a sociedade pelo autor. Em busca de facilitar a leitura e a compreensão do texto, o mesmo será subdividido em tópicos referentes aos eixos de análise mencionados.

2.1. O conceito de esporte e suas características

Guttman, antes de tecer suas contribuições acerca do conceito de esporte (sports), dedica-se à compreensão de brincadeiras (play) e jogos (game). Trata-se não somente de conceituações aleatórias, mas peças importantes na construção da linha de pensamento do autor. Parte de uma definição ampla para, aos poucos, filtrá-la de acordo com a especificidade desejada, encontrando, assim, novos e menores grupos de características semelhantes; um processo de diferenciação e definição claro e conciso. Conotativamente assemelha-se ao trabalho de um garimpeiro que, em sua primeira toada, depara-se com terra, pedras e inúmeros minerais; para encontrar as poucas e pequenas pedras preciosas, o trabalhador deve se utilizar de diferentes procedimentos de seleção, garantindo que, ao final de cada um, as substâncias indesejadas sejam excluídas da amostra – aproximando-o cada vez mais, de seu objeto de desejo.

Guttman apresenta o conceito de brincadeira, como primeiro, e mais abrangente, procedimento de filtragem de seu garimpo: “... qualquer atividade não utilitária, física ou intelectual, realizada com o fim em si mesma” (GUTTMANN, 1978, p. 3) ². Diante de uma definição ampla como esta, o autor reconhece a possibilidade de inúmeras atividades serem associadas a esta definição ainda que identifique diferenças entre elas e exclua atividades obrigatórias e/ou praticadas por um objetivo maior. Em outras palavras, a definição de brincadeira apresentada por Guttman permite a aproximação de inúmeras atividades, como o brincar de boneca, o xadrez, o futebol – atividades que, se praticadas pelo prazer, encaixam-se perfeitamente em tal definição.

O autor segue, assim, diferenciando-as dos jogos; as “brincadeiras podem ser divididas em duas categorias – brincadeira espontânea e brincadeira organizada, que chamamos de jogo” (Ibidem, p. 4) ³. Centrando-se, então, na idéia de liberdade e espontaneidade das brincadeiras e na presença de regras e organização, o autor dá um passo à frente em seu processo de definição e aponta os jogos como sendo tipos específicos de brincadeiras, que apresentam maior nível de organização – identificada pela presença de regras. Neste ponto, permanecem na “peneira” de

² “...play is any nonutilitarian physical or intellectual activity pursued for its own sake”.

³ “Play can be divided into two categories – spontaneous play and organized play, which we call games”.

Guttmann atividades como, basquete, jogos competitivos e não competitivos, físicas e não físicas – ainda que atividades consideravelmente distintas, segundo o autor.

Guttmann segue para uma importante separação de substâncias; qual a diferença entre jogo e esporte? A partir de duas características básicas das atividades, a competição e o aspecto físico, o autor nos responde a essa pergunta: “[...] nós podemos agora [...] definir esporte como competições físicas lúdicas” (Ibidem, p. 7) ⁴, compreendendo como competição, as existentes dentro da esfera da brincadeira (play). Observa-se aqui a maior especificidade desta definição quando comparada à de jogo. Exclui-se, agora, o xadrez, o jogo de cartas, por exemplo. Esporte é aqui compreendido como uma atividade necessariamente física, competitiva e lúdica.



Figura 01. Fluxograma adaptado de GUTTMANN (1978, P. 9)

Por fim, vale ressaltar, a partir do fluxograma apresentado e das considerações feitas, a atemporalidade presente em tais definições; até o momento Guttmann não se atém a épocas sociais, ou a retratos históricos para a elaboração de suas perspectivas. Ademais, destaca-se a apresentação das definições de brincadeira (play), jogo (game) e esporte (sports) como modelos puros, ideais. Mesmo em seu primeiro capítulo, na definição de brincadeira (play), por exemplo, ainda que a caracterize como uma atividade não utilitarista consente que “no mundo real os

⁴ “[...] we can now [...] define sports as ‘playful’ physical contests”.

motivos [para se brincar] estão misturados”⁵ (Ibidem, p.3), compreendo, a partir desta afirmação, que apresenta em seu texto definições limitadas, que não correspondem completamente à realidade – nítida influência da perspectiva weberiana e do “tipo ideal” nela contida como embasamento.

Ademais a abrangência de tais termos mostra-se, assim, vasta, podendo esporte ser remetido a praticas das sociedades primitivas, às corridas de cavalo na Grécia antiga, às lutas da nobreza na Idade Média e ao futebol jogado nos dias atuais.

Pautado nesta compreensão de que o esporte existiria nas mais distintas épocas da história da humanidade, Guttman apresenta em seu segundo capítulo importantes considerações acerca do tema. Em clara alusão ao processo de transição de sociedades, *From Ritual to Record* busca, por meio da compreensão das seis características do esporte moderno – somadas à noção de busca de recordes -, analisar o que esta palavra, moderno, atribui de diferenças ao esporte atualmente praticado, em relação aos anteriores. Guttman inicia o processo de caracterização das práticas antigas a partir das características do esporte contemporâneo, identificando, assim, “[...] o que não era moderno nos esportes de tempos anteriores”⁶ (Ibidem, p. 14). Um processo que se pode considerar como a continuidade da busca de definições, realizada no capítulo anterior. Neste momento, o autor, ainda que os classifique sob uma mesma definição, esforça-se agora em apresentar como e em que o esporte moderno diferencia-se dos esportes previamente existentes.

O capítulo desenvolve-se, assim, a partir de uma dinâmica de comparações e possíveis atribuições; seria como tentar vestir os esportes de tempos anteriores, com as vestimentas dos modernos, cabendo ao autor, julgar se estas lhes cabem ou não. A primeira vestimenta do esporte moderno escolhida pelo autor é a secularidade – retratando como o próprio nome diz uma pratica secular. A secularidade do esporte moderno, característica esta incontestável, estaria presente, então, nos esportes antigos? Seria uma vestimenta possível a tais práticas?

⁵ ”In the real world the motives are mixed”

⁶ “[...] what was not modern about sports of earlier times”.

De acordo com o autor, a resposta é obscura; na antiguidade, por um lado, não. As práticas corporais competitivas estariam vinculadas aos cultos aos deuses e rituais religiosos - desconectando-se de sua definição de esporte. Mas, por outro lado, sim, a secularidade vestiria os esportes da antiguidade, pois "... não podemos alongar o significado do termo 'religião' ao ponto de incluir todos os comportamentos humanos dentro da esfera do sagrado" ⁷ conforme afirma Guttmann (p. 19), colocando-se contra a perspectiva de que toda e qualquer prática física estaria ligada a rituais a deuses e/ou cultos religiosos.

Na sociedade grega, a resposta dual não é diferente. Apesar de muito se considerar os Jogos Olímpicos da Grécia como o grande ancestral dos esportes modernos, aqueles se assemelhavam mais às práticas das sociedades primitivas do que aos dos tempos atuais, segundo o autor. "Os Jogos Olímpicos [...] foram festivais sagrados" ⁸ (Ibidem, p. 21), "[...] tiveram suas raízes na religião" conforme complementa Ludwig Deubner⁹, citado por Guttmann (p. 21), possuindo e mantendo, assim, o propósito cultista e religioso. Entretanto, Guttmann aponta para a gradual presença dos esportes no cotidiano das cidades gregas; o que indica, para o autor, mais uma vez, a impossibilidade de agregar todas as práticas dentro da esfera religiosa.

Rompendo com esta dicotomia, surge a sociedade romana na prova da vestimenta moderna. Passando de religião e sagrado para guerras e combates, Guttmann aponta que os romanos "acreditavam em aptidão física como fim principal para a guerra" ¹⁰ (Ibidem, p. 24). Muda-se a temática, mas mantém-se a dualidade; por um lado, a característica dos esportes modernos não se faz presente em tal sociedade pelo simples fato das competições físicas terem como finalidade a preparação do homem guerreiro, mas, por outro lado, a secularidade ajusta-se perfeitamente à Roma Imperial devido à utilização do esporte como distração e divertimento popular - a política do pão e circo permite a Guttmann dizer que "[...] os esportes modernos estão mais próximos dos romanos do que do modelo grego" ¹¹ (Ibidem, p. 24). Guttmann restringe-se a

⁷ "[...] we cannot meaningfully stretch the term 'religion' to the point where all human behavior falls within the sphere of the sacred".

⁸ "The Olympic Games [...] were sacred festivals".

⁹ In Ludwig Drees, *Olympia: Gods, Artists and Athletes*, trans. Gerald Onn (New York: Praeger, 1968), p.24.

¹⁰ "The Romans were given neither to athletic competitions nor to athletic festivals. They believed in physical fitness for the ulterior end of warfare".

¹¹ "[...] modern sports are closer to the Roman than to the Greek model".

tal dualidade, não aprofundando as discussões acerca do caráter utilitário de tais práticas. A compreensão destas como esporte, ou não, torna-se, assim, obscura.

O que, portanto, observa-se, nesta primeira comparação, é a dualidade, vista a dependência de compreensões e concepções - a respeito da religião, do sagrado e da guerra-, para definir a existência ou não da secularidade nos esportes de tempos passados. Sendo assim, a secularidade não se mostra, segundo o olhar de Guttmann, uma boa vestimenta moderna a ser utilizada por tempos passados, ficando entre o justo e o largo, o confortável e o desconfortável, entre o 'sim' e o 'não'.

Voltemos ao armário para a escolha de outra peça a ser provada pelos esportes antigos; a Igualdade. Característica esta compreendida como equidade no acesso às práticas e nas condições da competição. Ao analisar seu primeiro “sujeito”, a antiguidade, esta característica do esporte moderno não se encaixa. Retrata o autor a realidade das práticas físicas realizadas neste período, a intrínseca relação mitológica, cultista entre elas, além da concepção do resultado das 'partidas' serem provenientes dos desejos e anseios divinos, não das habilidades dos praticantes. Demonstra, assim, o não interesse, a falta de necessidade das sociedades antigas em igualar as condições de competição.

Quanto aos gregos, o traje lhes cai bem, até que se muda o ponto de vista e este se mostra desconfortável; a partir da perspectiva da preocupação em igualar as condições das competições, homens eram separados de meninos (devido à maturidade física), oficiais atentos se faziam presentes durante festivais buscando por possíveis irregularidades, dentre outros exemplos que, portanto, afirmam a presença da igualdade em práticas gregas. Em contraponto, a igualdade quanto ao acesso à prática esportiva não se mostra presente, como o caso dos não naturais da região e das mulheres, estas excluídas dos jogos de Olympia e da maioria de outros, cabendo a elas um festival separado, de notoriedade popularmente inferior.

Os romanos, que elaboraram seu modelo esportivo a partir do grego, também não apresentam a igualdade em sua completude. Assemelham-se em sua compreensão das condições de disputa, entretanto, distanciam-se desta visão quando as lutas entre gladiadores e os

espetáculos por eles promovidos - baseados na idéia oposta de igualdade, promovendo sempre mais e mais dificuldades aos lutadores - são analisados. Da mesma forma, a igualdade não se fazia presente nas práticas da Idade Média, tempo em que determinados esportes eram reservados somente à nobreza, e proibidos para a plebe. Como exemplo, o autor cita práticas próximas do atual tênis de campo e boliche.

Antes de continuar sua rodada de provas, Guttmann apresenta-nos uma interessante visão do desdobramento da concepção feudal sobre esportes na modernidade. Segundo o autor, a criação da Liga Profissional de Rúgbi, na Inglaterra em 1895, causou imediatos conflitos com o amadorismo da já existente União de Futebol de Rúgbi. Embates por questões de regras e questões financeiras retratavam, na verdade, a tensão existente entre a classe alta, media alta e a classe media baixa. "A regra do amador era um instrumento da guerra de classes"¹² (Ibidem, p.31). Assim, a partir deste exemplo, Guttmann aproxima a divisão adotada na Idade Média com os diferentes interesses entre a burguesia e o proletariado no início do sec. XVIII, com a divisão do esporte amador e profissional, e com os processos racistas contra negros e mulheres dentro do mundo do esporte.

Partindo para a terceira característica do esporte moderno a ser analisada nas sociedades de tempos anteriores, Guttmann nos apresenta a especialização de funções, regras e, também, quanto às redes de serviços ao entorno do esporte. Esta, sim, apresenta-se como uma vestimenta cabível às sociedades comparadas, com exceção da Idade Média. Sem grandes aprofundamentos, identifica positivamente a presença da especialização já na antiguidade devido às especificidades das funções dos membros dentro da comunidade – organização que se mantinha na prática de esportes. Na era Clássica, assim como para os romanos, a profissionalização de atletas, pessoas que "[...] estavam aptas a dedicarem-se totalmente aos seus esportes"¹³ (Ibidem, p. 36), retrata tal característica. Quebrando tal continuidade, "no futebol medieval, existia lugar para qualquer um e uma regra definida para ninguém"¹⁴ afirma Guttmann (p.37), exemplificando a abrangência das regras e da não seleção dos participantes em tal esporte - os esportes desta era não estavam sustentados pela especificidade.

¹² "The amateur rule was an instrument of class warfare".

¹³ "[...] were able to devote themselves fully to their sports".

¹⁴ "In medieval football, there was room for everyone and a sharply defined role for no one".

A quarta característica enumerada pelo autor, a racionalização, está categorizada a partir da perspectiva das regras, assim como relacionada à performance humana. Por um lado, a existência das regras durante as práticas físicas, sempre existiu, porém, como elucida o autor, provenientes de naturezas diferentes - de "instruções divinas" para uma relação lógica entre os meios e os fins conforme a perspectiva de Max Weber. Como exemplo de tal mudança, Guttmann cita o contraste entre eventos de cultuação do povo maia, orientados por regras de cunho divino, e o basquete, esporte inventado racionalmente e dotado de regras gradativamente mais complexas e universais. Analisando tanto a partir da presença de regras quanto da performance humana, observou-se que os gregos foram os primeiros a racionalizar tais práticas, "[...] científicaram-se para o estudo de técnicas de eventos atléticos e para explorar a base da conquista, em termos fisiológicos"¹⁵ (Ibidem, p. 43). A racionalização, assim, fazia-se presente no estudo da prática e no treinamento físico – vestimenta imprópria para as sociedades antigas e medievais.

Tal sistematização da prática ocorreu também fora dos campos e das quadras, como analisado pelo autor. A racionalização externa às práticas é considerada por Guttmann outro traje diferente; a burocratização, quinta característica. Remete-se, assim, à organização institucional do esporte, à administração do mesmo e até mesmo sua transformação para um produto da mídia. Vestimenta com moldes incabíveis, também, aos esportes antigos e medievais; universalização das regras, elaboração de estratégias para desenvolvimento mundial, controle de recordes, produção de espetáculos, dentre outras. Adequa-se, somente, aos tempos gregos e romanos, em que organizações, líderes, códigos e regulamentos existiam no entorno dos esportes.

Em seu seguinte regresso ao guarda-roupa, Guttmann retorna com dois trajes, de características e particularidades similares, encerrando o processo de provas. À análise da burocratização, então, o autor associa as duas últimas características do esporte moderno: a quantificação e a busca de recordes. A sexta característica é simbolizada pela invenção do cronometro, em 1730, demarcando o começo de uma era na qual toda e qualquer performance humana tornou-se mensurável. Até então, segundo o autor, instrumentos de medição do

¹⁵“[...] scientifically to study the techniques of athletic events and more or less the physiological basis of achievement”.

desempenho dos participantes eram desconhecidos; a quantificação como traje por demais apertado a qualquer outro esporte anterior - apesar da corrida de charrete dos romanos aproximar-se destes moldes, por apresentar detalhados registros de seus resultados. Seguindo seu raciocínio, aliada fortemente à quantificação, a última característica atribuída por Guttmann, vestimenta exclusiva do esporte contemporâneo, é a busca pelo recorde, característica, essa, também inconcebível aos esportes anteriores.

A diferenciação foi, assim, apresentada. A atribuição do adjetivo moderno foi justificada ao esporte contemporâneo. Os sete trajes foram provados; “as sete características destoantes do esporte moderno foram discutidas” ¹⁶, conclui o autor (Ibidem, p.54). Retrata, após a apresentação da diagramação do processo percorrido – figura 2 -, que tais particularidades não foram aleatoriamente escolhidas e apresentadas, como a leitura do quadro pode sugerir. Apresentam em comum dinamismo, vínculos sistemáticos e interrelações, oriundas do modelo ideal de sociedade moderna apresentado por Max Weber.

As Características do Esporte em diferentes épocas					
	Esportes Primitivos	Esportes Gregos	Esportes Romanos	Esportes Medievais	Esportes Modernos
Secularismo	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim
Igualdade	Não	Sim e Não	Sim e Não	Não	Sim
Especialização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Racionalização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Burocratização	Não	Sim e Não	Sim	Não	Sim
Quantificação	Não	Não	Sim e Não	Não	Sim
Recorde	Não	Não	Não	Não	Sim

Figura 02. “As características de Esporte em diferentes épocas”, adaptada de GUTMANN (1978, p. 54)

¹⁶“The seven distinguishing characteristics of modern sports have been discussed”.

2.2 Influências teóricas

Guttmann apresenta em seu terceiro capítulo, *Capitalism, Protestantism and Modern Sport*, as correntes teóricas mais influentes neste assunto – sob sua perspectiva: o marxismo, o neo-marxismo e o weberianismo¹⁷. Iniciando com as contribuições marxistas, o autor evidencia em sua descrição, a perspectiva, na qual os “[...] esportes estão invariavelmente relacionados com a organização dos modos de produção” (GUTTMANN, 1978, p. 57)¹⁸. Segundo o autor, as idéias marxistas apontam o esporte como ferramenta de manutenção do poder e da força de trabalho, historicamente servindo aos interesses da nobreza e, agora, aos da burguesia; o esporte, assim, adquire, por meio desta perspectiva, naturezas e finalidades definidas a partir do modo de produção vigente.

Continua tal exposição apontando para a compreensão marxista da “[...] diferenciação entre os tipos de esportes desfrutados por ricos e pobres”¹⁹ (Ibidem, p.59), não como decorrência deste vínculo, mas como ferramenta para sua manutenção. Em um breve recorte histórico, exemplifica: na sociedade feudal a execução de duelos combativos restritos à nobreza tornou-se o símbolo da superioridade desta classe social perante a plebe e, na sociedade capitalista, por um lado, a prática e o consumo de esportes coletivos como favorecedores da formação do sujeito subordinado, e por outro, os esportes individuais, praticados e consumidos pela burguesia, como meios de socialização desta classe. Identifica, assim, a separação do acesso aos esportes – em seu sentido amplo – de acordo com a classe social. Os esportes coletivos seriam destinados ao proletariado com o “[...] objetivo principal de manutenção da classe trabalhadora”²⁰ (Ibidem, p.59), como é o caso do futebol americano e baseball na sociedade americana. Já o tênis, golfe e iatismo, por exemplo, são tidos como meios de socialização e como favoráveis ao estímulo da liderança e autonomia – comportamentos presentes na burguesia.

¹⁷ Ainda que evidências anteriores indiquem o aporte teórico desta obra, é neste capítulo que o autor afirma tomar como base as contribuições de Max Weber. Tal apropriação, referente à noção de tipos ideais, é nítida tanto nos conceitos apresentados – brincadeira (play), jogos (game) e esporte (sports) -, quanto na atribuição das seis características ao esporte moderno (somada à busca de recordes) e suas relações com modelos anteriores.

¹⁸ “[...] sports are invariably related to the organization of the modes of production”.

¹⁹ “[...] differentiation in the kinds of sports enjoyed by the rich and the poor”.

²⁰ “[...] major goal the maintenance of laboring classes”

Guttmann rebate tal perspectiva, apontando como vaga a exata relação entre determinado esporte e o meio de produção. Para esta argumentação, apóia-se no Feudalismo e nos combates físicos, esportes possíveis somente à nobreza nesta época; a exclusão da plebe seria, segundo Guttmann, por questões político-militares da classe dominante – a proibição de tais práticas seria uma medida de evitar o desenvolvimento do espírito guerreiro da plebe e o possível confronto físico com a mesma – estimulando a prática do arco e flecha aos plebeus, o que, contraditoriamente, tornou-se a principal arma inimiga aos cavaleiros nobres. Neste caso, a partir da visão do autor, o esporte estaria relacionado com argumentos político-militares, não econômicos – como foi apresentado na compreensão marxista.

Por conseguinte, discorda do distinto papel social do esporte perante a classe alta e baixa, conforme preconizam as teorias marxistas. Segundo o autor, não há elementos estruturais - nos esportes utilizados como exemplo; o críquete e o futebol – que confirmem, ou dêem sustância para tal ideologia. Ademais, o Futebol Americano é “[...] consideravelmente mais popular entre autoridades e executivos do que trabalhadores de fábrica”²¹, afirma See Gerooge H. Galup²² (Ibidem, p.71), autor citado por Guttmann, exemplificando a contradição da teoria marxista. E conclui: “Interpretações marxistas e neomarxistas dos valores transmitidos por meio de tipos particulares de esportes são o produto da ideologia mais que resultados de minuciosa análise empírica” (Ibidem, p. 71).

A partir desta pontuação e do padrão de construção de sua argumentação, invalidando determinados pontos da teoria marxista e neomarxista, como ele mesmo denomina, observa-se que o autor embate construções e perspectivas generalistas, por demais abrangentes destas correntes. Em contraponto, utiliza-se de situações específicas, casos observados e particulares; “generalizações devem ser desafiadas com questões específicas”²³ (Ibidem, p. 70), conforme o próprio autor pontua.

A apresentação das teorias marxistas sobre o esporte continua, agora, retratando como o nível de esportivização de uma nação seria, segundo tais atribuições, apropriado para medir seu

²¹ “[...] considerably more popular among managers and executives than among factory workers”.

²² The Gallup Poll, 3 vols. (New York: Random House, 1972),3, 1699-1700.

²³ “Generalizations must be challenged by specific questions”.

nível de industrialização. A argumentação de que ambos os processos – o esporte e a industrialização – originaram-se e se desenvolveram no mesmo local e época – Inglaterra, no final do século XVIII -, sustenta a compreensão de que tais estruturas estariam, portanto, entrelaçadas. Em outras palavras, Guttmann apresenta-nos a perspectiva marxista de que, por um lado, como o capitalismo industrial possui o esporte moderno como ferramenta – para manutenção da força de trabalho – e, por outro, como o esporte necessita da estrutura socioeconômica para se manter e desenvolver – aspectos, principalmente, da especialização e burocratização.

Segundo Guttmann, ainda que os fatores econômicos sejam “[...] absolutamente essenciais para qualquer interpretação satisfatória da natureza dos esportes modernos”²⁴ (Ibidem, p.81), existem demais aspectos que precisam ser levados em consideração. Seguindo sob influências weberianas, o autor destaca que o industrialismo não explica por completo a origem e o desenvolvimento dos esportes modernos, afinal, países como “[...] Bulgária e Cuba, têm atingido conquistas atléticas em níveis impressionantes sem uma ampla industrialização (sem falar no capitalismo industrial)”²⁵, conforme afirma (p.81) em meados de 1978. Segundo o autor, o desenvolvimento de pesquisas empíricas e da racionalidade científica foram as principais razões para grandes mudanças sociais, como a transformação de sociedades tradicionais (ascribed status societies), nas quais o status social é herdado e imutável, para sociedades modernas (achieved status societies), onde o status social é alcançado por conquistas e méritos.

Sob este viés, “o surgimento do esporte moderno representa não o triunfo do capitalismo, nem o crescimento do Protestantismo, mas o vagaroso desenvolvimento de ideologias empíricas, experimentais, matemáticas”²⁶ (Ibidem, p.85), visão esta apresentada pelo teórico Hans Lenk e desenvolvida por Henning Eichberg.

Uma vez que a compreensão marxista analisa, conforme apontado, o esporte a partir do sistema socioeconômico vigente, diferenças são evidenciadas quando os modos de produção são

²⁴ “[...] absolutely essential to nae satisfactory interpretation of the modern Sport”.

²⁵ “[...]Bulgaria and Cuba, have reached impressive levels of athletic achievement without extensive industrialization (not to speak of industrial capitalism)”.

²⁶ “The emergence of modern sports represents neither the triumph of capitalism nor the rise of Protestantism but rather the slow development of na empirical, experimental, mathematical Weltanschauun [ideology]”.

distintos; como no caso do capitalismo e do socialismo. Por fim, então, as considerações marxistas encerram-se na apresentação dos diferentes papéis interpretados pelo esporte em sociedades capitalistas e socialistas; “[...] os Estados Unidos e as nações da Europa Ocidental têm continuado a utilizar o esporte como meio de doutrinar a massa com os vírus do militarismo, nacionalismo e imperialismo”²⁷ (Ibidem, p. 63) e, em contra partida, “na União Soviética e nas nações da Europa Oriental [...] esportes são elementos da segurança nacional e da produtividade econômica (Ibidem, p. 63)”²⁸.

Guttmann, entretanto, discorda de tal visão; não nega ser possível associar o militarismo e o nacionalismo às nações capitalistas, mas contrapõe-se à associação destas aos tipos de esporte, uma vez que, “... os tipos [de esporte] são em sua essência os mesmos”²⁹ (Ibidem, p. 71). Defende, assim, que os esportes são, em questões estruturais, independentes dos modos de produção, sendo que a diferença existente encontra-se no significado social adquirido em cada sociedade; as sociedades socialistas possuíram no esporte uma ênfase simbólica social demonstrando, por meio das conquistas esportivas, as inspirações em governantes e líderes, assim como, significando nestas o sentimento de superioridade diante das nações capitalistas. Estas, diferentemente, apresentam uma intrínseca relação comercial com os esportes modernos – o que, segundo o autor, é a grande responsável pelas doenças do esporte moderno. Conclui, então, sua crítica afirmando que “as características dos esportes modernos são essencialmente invariantes em todas as sociedades modernas seja ela qual for, Liberal, Socialista ou Comunista”³⁰ (Ibidem, p. 73) colocando em xeque a compreensão marxista. Como exemplo disso aponta: “enquanto os críticos do esporte americano apontam para metáforas militares como a “long bomb” no futebol [americano], esportes chineses incluem marksmanship, correndo a pista de obstáculos, as cargas de baioneta, jogando granadas, pára-quedismo e de defesa anti-aérea - tudo para os civis”³¹ (Ibidem, p. 72).

²⁷ “[...] the United States and the nations of Western Europe have continued to use sports as a means to indoctrinate the masses with the virus of militarism, nationalism, and imperialism”.

²⁸ “In the Soviet Union and in the nations of Eastern Europe [...] sports are elements in national security and economic productivity”.

²⁹ “[...] the kinds [of Sport] are essentially the same”.

³⁰ “The characteristics of modern sports are essentially invariant in every modern society, whether that society is Liberal, socialist, or Communist”.

³¹ “While critics of American sports point to military metaphors like the “long bomb” in football, Chinese sports include marksmanship, running the obstacle course, bayonet charges, grenade throwing, parachuting, and anti-aircraft defense – all for civilians”.

Finalizada a compreensão marxista, torna-se o momento de apresentar as concepções dos, denominados por Guttmann, neomarxistas. Grupo este, identificado pelo autor como os teóricos que alinharam as obras ao discurso de Marx, especialmente em seus trabalhos filosóficos iniciais, e à teoria do inconsciente, apresentada por Freud. Quando o assunto é esporte, “eles sustentam que esporte em sua forma ideal – esporte descrito por treinadores, educadores físicos e administradores – é a perversão do espírito humano”³². (Ibidem, p.65). Trata-se de uma estrutura paralela ao mundo do trabalho, que não busca só servi-lo como atividade compensatória ao trabalho alienado, mas seduzir o espectador a um segundo mundo, mais autoritário e repressivo, com significados menos aparentes do que os da esfera econômica.

Analisando o esporte moderno sob as sete características previamente apresentadas, os neomarxistas, segundo Guttmann, seriam condizentes com o secularismo e com a igualdade, porém, quanto à especialização, encarariam esta, como sinônimo de mecanização do homem e de suas atividades, sendo possível assimilar a imagem de um campeão a um trabalhador de fábrica³³. Já a racionalização, como um processo inversamente proporcional à espontaneidade e aos impulsos humanos, pelo qual se induz o sujeito a aceitar regras sociais não decididas por ele: “Esportes ajudam para nos socializar em aceitar regras que são inerentemente injustas e desleais...”³⁴ (Ibidem, p. 67). A burocratização refere-se, segundo este olhar, à existência de uma macro-estrutura, formada por antigos atletas, governantes e funcionários que, de forma autoritária, exercem seus poderes sobre os atletas. A quantificação faz o Ser Humano desaparecer na abstração dos números, assim como na infindável busca por recordes, o combustível dos motores da sociedade capitalista; “[...] até mesmo o vencedor da corrida torna-se um perdedor quando seu tempo desaponta a expectativa da multidão”³⁵, aponta Guttmann (p.68) retratando o objetivo dos espectadores no esporte, a nova conquista, a quebra do recorde.

Identifica, assim, como neomarxistas aqueles que consideram esporte o reluzente espelho

³² “They hold that sports in their ideal form – sports described by coaches, physical educators, and administrators – are a perversion of the human spirit”.

³³ “The champion is fabricated in the image of the worker and the track in the image of the factory”. Citação de Pierre Laguillaumie, “Pour une Critique fondamentale du Sport,” *Sporte, culture, et répression*, ed. Ginette Berthaud et al. (Paris: François Maspero, 1972), p. 41 et al (Allen Guttmann, 1978) p. 67.

³⁴ “Sports helps to socialize us into accepting rules which are inherently unjust and unfair...”.

³⁵ “[...] even the winner of the race becomes a lose when his time disappoints the crowd’s expectations”

do modelo capitalista – estrutura essencialmente competitiva e destinada a novas conquistas; aqueles que se utilizam de estudos freudianos para afirmar que os “[...] trabalhadores (ou atletas) que parecem satisfeitos com o status quo são vítimas da ‘consciência falsa’, eles não compreendem seus próprios interesses na verdade”³⁶ (Ibidem, p. 65). Afirmam o esporte como “[...] a distorcida forma capitalista de brincar”³⁷, centrando suas críticas na constante necessidade de conquistas, novos recordes, na ambição pela vitória; aspectos soberanos à manifestação da liberdade e a espontaneidade de cada indivíduo – “o que a sociedade necessita não é de esporte, mas brincadeiras, [...] esportes reprimem, brincadeiras emancipam”³⁸ (Ibidem, p.69).

Compreender a brincadeira e o ato de brincar como manifestações de liberdade e espontaneidade abafadas pelo processo de esportivização, são, segundo o autor, por demais rasos. “A preferência por brincar é parte e parcela da rejeição romântica das características básicas da sociedade moderna”³⁹, rebate Guttmann (Ibidem, p.80) à visão maniqueísta de que, em um ambiente de competição, regrado, e/ou utilitário, a liberdade e a espontaneidade não se manifestam, ou que o desapontamento causado pela derrota, ou pela não conquista do recorde remete-se a sensações eternas de frustração e incompetência. Na elaboração desta argumentação, o autor apresenta o esporte moderno como um espelho, uma miniatura da sociedade, coloca-nos o esporte como poderoso meio socializador ao mundo onde desapontamentos e derrotas são inevitáveis, um meio de vagarosa imersão aos pilares da sociedade moderna. “Derrota é simplesmente muito comum para ser tão destrutiva ao psíquico como alguns têm aclamado”⁴⁰, conclui o autor (p.76) defendendo seu ponto de vista.

Ademais, “a não ser que nós assumamos que homem e mulher são tão vitimizados pela ‘falsa consciência’ [...], nós precisamos prestar atenção no que as pessoas dizem sobre suas experiências atléticas”⁴¹ aponta-nos Guttmann (Ibidem, p.77) ao iniciar sua contraposição à perspectiva neomarxista de que os trabalhadores e atletas são indivíduos alienados, presos às

³⁶ “[...]workers (or athletes) Who seem satisfied with the status quo are victims of ‘false consciousness’ i.e., they do not really understand their own interests”.

³⁷ “[...] the capitalistically distorted form of play”.

³⁸ “what society needs it is not sports but play, [...] sports represses, play emancipates”.

³⁹ “The preference for play is part and parcel of a Romantic rejection of the basic characteristics of modern society”.

⁴⁰ “Defeat is simply too common for it to be as destructive to the psyche as some have claimed”.

⁴¹ “Unless we are to assume that men and women are so victimized by ‘false consciousness’ [...], we must pay attention to what people say about their athletic experiences”.

ferramentas do sistema capitalista. Em argumentação a sua perspectiva, o autor utiliza-se de pesquisas fenomenológicas e empíricas – observa-se aqui, a oposição às generalizações, realizada por meio de fatos específicos e reais, o mesmo padrão de argumentação presente nas críticas ao marxismo - que demonstram, por meio de relatos pessoais, as emoções, sensações e experiências obtidas a partir do esporte. Segue ainda, questionando qual seria a coerência, segundo as perspectivas neomarxistas, para o consumo e interesse em esportes das classes dominantes, uma vez que este é compreendido como ferramenta de alienação e manutenção da força de trabalho; “Se o esporte em geral é repressivo, alienante, e indutivo a apatia, que é a tese neomarxista, então nós precisamos concluir que a classe dominante da sociedade moderna tem decidido alienar-se, mais que à quem eles mais oprimem”⁴²(Ibidem, p.77).

⁴² “If sports in general is repressive, alienating, and apathy-inductive, which is the Neo-Marxism thesis, then we must conclude that the ruling class of modern society has decided to alienate itself rather than those whom they most oppress”.

2.3. Significados e funções do esporte na sociedade

A aproximação das análises e dos modelos apresentados com a realidade é feita, a partir de uma transposição do modelo de Max Weber para o escopo do esporte moderno, assim como explica Guttman; “uma das ótimas vantagens do modelo weberiano é ele possibilitar a visão no microcosmo (esporte moderno) das características do macrocosmo (sociedade moderna) – secularismo, igualdade, especialização, racionalismo, organização burocrática e quantificação”⁴³ (Ibidem, p.80/81). Nos últimos três capítulos de sua obra, assim, o autor busca maior proximidade com a realidade em suas análises, evidenciando determinadas práticas esportivas (Baseball e Football) da sociedade americana e as analisa a partir da linha teórica até aqui desenvolvida.

No entanto, definir tais manifestações e práticas de forma idealizada (sob os moldes weberianos), seria como tentar acomodar objetos espalhafatosos, volumosos em caixas pequenas e quadradas; a impossibilidade de fechá-las perfeitamente dado às sobras, ao transbordamento de tais objetos perante os limites físicos das caixas, é fatídica. Ciente de tal limitação, Guttman apresenta no decorrer do texto exemplos que retratam como a realidade não corresponde de forma exata aos modelos ideais apresentados, caracterizando tais exemplos como formas impuras de manifestação, que não se mostram como menos importantes ou desprezíveis à análise, pelo contrário, alimentam novos diálogos e discussões. Conforme complementa Mauricio Tragtenberg (1997, p.8-9 apud PILATTI, 2002 in PRONI, 2002, p. 64), a aplicação do tipo ideal à realidade acontece em dois modos “o primeiro é um processo de contrastação conceitual que permite simplesmente apreender os fatos segundo sua maior ou menos aproximação ao tipo ideal. O segundo consiste na formulação de hipóteses explicativas”.

Há que se ordenar a casa! Em seus braços, então, estão o Baseball e o Football; objetos a serem guardados nas referidas caixas pequenas e quadradas. Ao longo de seu texto, Guttman acomoda aos poucos um de cada vez, apontando seus excessos, suas particularidades e

⁴³ “One great advantage of the Weberian model is that it enables one to see in the microcosm (modern sports) the characteristics of the macrocosm (modern society) – secularism, equality, specialization, rationalism, bureaucratic organization, and quantification”

transbordamentos; apresentando-nos uma análise de cada esporte construída a partir de moldes rígidos, pré-estabelecidos (Max Weber e a incorporação feita por Guttmann das sete características ao esporte moderno), assim como de concepções e relações flexíveis (o contexto da sociedade americana o referido esporte praticado).

No caso do baseball, Guttmann encontra duas particularidades deste esporte; o pastoralismo e o excesso de quantificação. “Pastoralismo é mais que a ênfase no aspecto rural”⁴⁴ (GUTTMANN, 1978, p. 101), apresenta uma significação maior que o fato de ser praticado em espaço aberto, em temperaturas e climas agradáveis, sobre um campo de grama. Ao mencionar o pastoralismo no baseball, Guttmann refere-se aos aspectos de sua dinâmica de jogo que apresentam uma relação destoante com aspectos da sociedade moderna, ou seja, que se distanciam do modelo ideal de esporte moderno. Como por exemplo, o autor menciona a independência do esporte quanto ao tempo cronológico, assegurado por suas regras; “em uma compreensão realista, o baseball não possui tempo”⁴⁵ (Ibidem, p.107). A atribuição desta característica justifica-se na compreensão de um esporte com tais individualidades ser praticado, porém, em uma sociedade urbana. Por outro lado, o excesso de quantificação no beisebol, observado a partir da fascinação por números que envolve o esporte, caracteriza, em contraste com o pastoralismo, uma profunda correspondência desta modalidade ao tipo ideal de sociedade moderna e de esporte moderno. A separação espacial dos jogadores no campo, a disputa man-to-man entre o lançador e o rebatedor, a fruição vagarosa do jogo em relação ao tempo, as numerosas interrupções durante uma partida, são exemplos compartilhados pelo autor de aspectos facilitadores para a tabulação de dados na comparação pessoal e entre times.

Particularidades estas que se mostram presentes na explicação do autor para a alta popularidade deste esporte que adquiriu forte relação com o chauvinismo, na identificação do mesmo como esporte nacional. Em primeiro lugar, Guttmann explica por questões cronológicas, a prevalência do baseball perante os demais esportes; “Baseball nunca precisou competir contra uma doutrina, antecessor institucionalmente arraigado, como a ginástica alemã”⁴⁶ (Ibidem, p.

⁴⁴ “Pastoralism is more than na emphasis on the rural”.

⁴⁵ “In a very real sense, baseball is timeless”.

⁴⁶ “Baseball never had to compete against a doctrinarie, institutiollally entrenched predecessor like German Turnen [Gymnastics]”.

100). Explica o autor que a preferência cultural pelo baseball é proveniente de uma prioridade cronológica, por ser o primeiro esporte moderno a se desenvolver na sociedade americana, em âmbitos macroestruturais. Em segundo lugar, sua característica de alta quantificação supriu a necessidade – principalmente psicológica - quanto ao anseio por números e parâmetros para competição - característica das sociedades modernas espelhada no esporte em questão. Em seus exemplos para tal, centra-se na dinâmica do jogo para apontar o nível elevado de quantificações, como por exemplo, nos diversos intervalos e pausas, provenientes de ações táticas e estratégicas dos times, o embate pessoal entre os atletas e entre os times, oferecendo dados múltiplos para comparações e quantificações.

Enxerga-se, assim, uma situação complexa, paradoxical (a complexity, paradoxical situation), como o próprio autor retrata, na existência do baseball americano, pois, por um lado supre a necessidade de evasão da modernização e retorno a dinâmicas campestres – o pastoralismo –, por outro, apresenta instrumentos e meios suficientes para altos níveis de quantificação, suprimindo o desejo de comparar e equiparar – evidente característica de uma sociedade moderna e urbana. Uma contradição que, segundo o autor, permite ser interpretada como a interação de elementos modernos com primitivo-pastorais⁴⁷ (Ibidem, p. 114). Ademais, segundo Guttmann, o baseball se tornou popular em alguns países e não em outros, porque nestes, outras atividades, não necessariamente esportivas, suprem a necessidade psicológica referente ao pastoralismo, ou porque não compartilham de tal necessidade por não serem ainda plenamente modernas (e urbanas).

No caso específico do football, em linhas gerais, Guttmann destaca como característica central do esporte, a presença da violência. Compreende o esporte como um campo permitido a essa manifestação, um tempo-espço socialmente aceitos para a presença de atitudes violentas; “inclusive, um dos aspectos mais óbvios do esporte é o comportamento proibido em demais circunstâncias ser perfeitamente aceitável no contexto do jogo”⁴⁸ (Ibidem, p.120). Retrata, assim, a similaridade com o pastoralismo no baseball, pontuando a violência do football como uma

⁴⁷ “[...] the interaction of modern with primitive-pastoral elements”.

⁴⁸ “Indeed, one of the most obvious aspects of sports is that behavior forbidden in other circumstances is perfectly acceptable within the context of the game”.

característica “primitiva” deste esporte, apesar de se apresentar, em outros aspectos, profundamente adequado ao modelo ideal de esporte moderno. Similaridade esta não restrita somente à presença de uma particularidade classificada como primitiva, mas na função emocional e psicológica desempenhada por esta em meio à sociedade; um reduto às dinâmicas sociais vigentes. Aliado à identificação de seu processo histórico – a origem do esporte como descendente de jogos tradicionais da Idade Média e posteriormente do rugby – justifica-se a não popularidade deste esporte nas demais nações, uma vez que o rugby supriria a necessidade da violência.

Percebe-se, assim, ao fim de sua organização e separação de tais esportes em caixas, a compreensão de Allen Guttman quanto à relação do esporte e sociedade, principalmente quanto aos seus significados e funções. De acordo com os exemplos por ele utilizados, os esportes possuem função de evasão da vida cotidiana (seja devido a processos de repreensão, ou de fuga), significando ao espectador, ou ao praticante a fruição de momentos desconectados de sua vida real.

Encerram-se, então, as contribuições acerca da perspectiva teórica traçada por Guttman na obra *From Ritual to Record*. Parte-se assim, para o segundo momento do trabalho; a interpretação de uma vivência esportiva da adolescência do presente autor rememorada durante o processo de apropriação de tal referencial. Algo que não se constitui como uma pesquisa, com um objetivo e problema definido, mas sim como expressão de sua sensibilidade e capacidade analítica ampliadas ao longo do estudo da obra em questão.

3 – MEMÓRIAS ESPORTIVAS: O CASO DO BAMBUZINHO F. C.

Era 8h30min da manhã. Hunf, como eu não gostava de acordar cedo. Era um enorme sacrifício, ainda mais para jogar bola com os amigos. Mas afinal, o jogo já estava marcado e todos contavam com minha presença. Café da manhã, banho rápido, calça, meião, chuteira, camiseta de goleiro, luvas e garrafa d'água; estava pronto.

Com quatorze anos de idade participei do primeiro e, até então, único time de futebol em minha vida. A oportunidade para fazer parte deste grupo surgiu dos encontros diários durante os intervalos das aulas, quando jogávamos bola – entre amigos e colegas – no pátio do colégio. A convite de um colega lá fomos nós, eu e meus amigos mais próximos participar de um time que estava para se formar. Ainda sem nome e sem uniforme próprio, começamos a nos encontrar aos finais de semana para jogos entre amigos e times de pessoas conhecidas.

Semanas se passaram e o grupo se fortalecia. Era hora de escolher um nome para nossa representação. O grupo de colegas, então, fundou o famoso Bambuzinho Futebol Clube. Ainda que, ao todo fôssemos em, aproximadamente, quinze integrantes, conseguir oito para jogar aos finais de semana (sábados pela manhã) era tarefa árdua. Claro, havia no time os bons amigos que jogavam bola mal e os maus amigos que jogavam bola bem. Éramos um grupo unido pela vontade de correr atrás da bola, chutar, vibrar, vencer e, principalmente, juntos dividir bons momentos antes, durante e após as partidas. Os uniformes vieram não muito tempo depois; camisetas azuis com uma faixa transversal e detalhes amarelos, com direito até a patrocinadores.

Foi um time que formou grandes amizades escolares. Todos que tinham a irreverente camiseta azul com detalhes amarelos estudaram na mesma escola, ou mantinham amizades originadas ali. Estudávamos, com poucas exceções, em uma escola particular de Campinas-SP, reconhecida localmente por sua educação de qualidade e altas mensalidades. Colégio católico, de freiras, com capela, imagens de Nossa Senhora e Jesus em todas as salas, aulas de religião com provas mensais e bimestrais – nas quais tiravam nota alta aqueles que se lembravam de articular as palavras união, fé, humildade, amor e compaixão – celebrações religiosas, dentre outras

características e práticas religiosas. Vivíamos, no mínimo, quatro horas de nosso cotidiano imersos em um mundo de certos e errados, com poucos incentivos e olhares carinhosos àqueles que bagunçavam e contrariavam a ordem. O espaço às práticas corporais era limitado às aulas de Educação Física, que ocorriam duas vezes por semana, durante 50 minutos, e aos intervalos de aula, com 15 minutos de duração – pouco para um animado grupo de amigos que se divertia com a bola nos pés.

Encontrávamo-nos em quase todos os finais de semana. Eram amistosos e campeonatos, partidas jogadas em campos de areia, grama e quadra, em praças públicas, clubes e condomínios fechados. O importante era fazer a bola rolar, independentemente das condições físicas do local. O mesmo desprendimento se mostrava quanto algumas questões burocráticas, como os tipos de calçados dos jogadores (havendo liberdade para jogarem descalços, de tênis ou chuteira) e idade dos jogadores, por exemplo. Havia, entretanto, um comprometimento com algumas condições mínimas das partidas, como a utilização de uniforme (ainda que só a camiseta do time), regras básicas que costumavam mudar de acordo com a equipe adversária e a estipulação da duração completa da partida.

As partidas eram marcadas por correria, passes errados e jogadas individuais. Cruzamento era uma prática que, por exemplo, raramente se acertava – seja pela qualidade técnica dos laterais, ou pelas irregularidades do campo -, em contrapartida, dribles e toques rápidos entre alguns jogadores era nossa arma forte. Na defesa ficavam os mais amigos e por força das circunstâncias, os piores do time. Ali estava um dos meus melhores amigos; na época, gordinho e ruim de bola, com seu lugar garantido em todas as partidas. Apesar das cobranças, conversas e esquemas táticos antes dos jogos, enquanto a bola rolava pouco havia de organização entre os integrantes do time. Estávamos ali por vontade própria, praticando uma atividade física junto com amigos, sem objetivos muito maiores que a diversão e o bom momento, o que permite classificar tais práticas, por nós realizadas aos finais de semana, como esporte, segundo a definição apontada por Guttmann; “[...] competições físicas ‘lúdicas’”⁴⁹ (1978, p. 7).

⁴⁹ “[...] ‘playful’ physical contests”.

Seria este, então, um esporte com todas as características de um esporte moderno, conforme apresentado? Ou esta é uma prática com traços primitivos e transitórios? Ou uma exceção à análise de Guttmann? Para responder tais questões é necessário que voltemos ao guarda roupa do autor e coloquemos à prova as sete peças, averiguando quais vestiriam bem os jogos do Bambuzinho F. C. e quais se mostrariam desconfortáveis e apertadas no mesmo.

Iniciando, assim, pela secularidade, esta se mostra perfeita aos jogos mencionados. A razão é a prática de uma atividade existente, em seus moldes e proximidades, há séculos, sem cunho religioso, tampouco cultista. O futebol, ainda que de origem desconhecida, mostra-se presente e independente de tais âmbitos em distintas sociedades e épocas. Entretanto, a igualdade, segunda vestimenta a ser provada, compreendida tanto na igualdade de condições quanto de acesso, mostra-se justa e desconfortável em determinados momentos.

Retratando inicialmente as igualdades de condições entre os jogadores e as equipes, buscava-se sempre garantir a presença desta característica, entretanto sua ausência não impedia o jogo de acontecer. Em questões de espaço físico, onde o jogo acontecia, a igualdade de condições entre as equipes variava de acordo com o local e suas peculiaridades; quando jogávamos em lugares não tradicionais, como campos de areia e gramados abertos, locais de fácil interferência externa, era freqüente a existência de fatores que desfavoreciam determinada equipe pela inclinação do local, ou por avarias ou regiões do campo impossibilitadas de se jogar, por exemplo. Suscetibilidades estas que não ocorriam quando as partidas eram realizadas em espaços próprios para a prática esportiva, como campos e quadras.

As maiores variações da existência ou não da igualdade de condições entre jogares e equipes, mostravam-se, entretanto, em questões pontuais, como as diferenças de idade entre os praticantes (por muitas vezes jogamos contra times de adultos, ou com jogadores mais velhos e mais novos), a possível desigualdade numérica entre as equipes (havia sempre aquele que confirmava presença, mas na hora não aparecia) e de materiais dos jogadores (alguns jogando de chuteira, outros de tênis e até mesmo descalços).

Há também que se pontuar a falsa igualdade existente em determinadas situações vividas pelo grupo, como quando marcamos um jogo em um clube da cidade. Lá jogaríamos em um

campo de futebol oficial contra o time do clube. Era a primeira vez de muitos dos jogadores de nosso time jogando em um campo com tamanhas dimensões, ao passo que encarávamos uma equipe da casa, acostumada com o lugar. Havia assim, uma falsa igualdade, uma vez que, apesar de estarmos em um jogo onze contra onze e com jogadores de idade próximas, a desigualdade em relação à dinâmica do jogo em detrimento a larguras e comprimento do campo eram claras. Resultado? Perdemos de 3x1.

Analisando a igualdade de acesso aos jogos do time, há de se considerar o fato de que somente amigos e colegas convidados vestiam a camiseta azul, o que não garantiu uma igualdade de acesso à comunidade da escola, ou dos bairros ali próximos, por exemplo. Característica esta complicada de ser analisada em detrimento de diversas variáveis; mostra-se cabível em determinadas situações e momentos, porém se torna uma vestimenta curta, justa e desconfortável para outros.

Seguimos questionando a respeito da especialização de funções e de atividades externas às praticas. Dentro do campo, sim, tínhamos cada um sua importante função; Bola era nosso grande e espalhafatoso zagueiro, Brunão enceradeira atuava como meia, junto com o habilidoso Fleura, Teran era o maratonista do time, percorria as laterais o jogo todo (ou parte dele). Entretanto, posições estas definidas por comodidade; na falta de alguma pessoa, havíamos de ter flexibilidade para suprir tal lacuna. Fora de campo, a especialização das atividades recorria sobre os ombros de uma única pessoa; Brunão, o responsável por marcar jogos, contatar a todos avisando dia, horário e adversário, mobilizar caronas e, o mais importante, levar a bola. Portanto, esta característica estava presente no cotidiano dos jogos do Bambuzinho F. C..

A racionalização, quarta vestimenta a ser provada, mostra-se em dois âmbitos conforme Guttmann; racionalização das regras e da performance humana. A primeira, em âmbitos situacionais, mostra-se presente e importante, pois a cada jogo agendado com um adversário desconhecido, ou em lugares não tradicionais, as regras e as convenções haviam de ser conversadas. Sendo assim, antes mesmo do início dos jogos, esclareciam-se regras que, geralmente, variavam, como o recuo para o goleiro, área do goleiro, saída de bola, número de substituições e duração da partida. Havia, assim, uma preocupação em racionalizar a prática,

além de que, a maioria dos jogos era feita sem a presença de juízes e árbitros, tornando os próprios jogadores autônomos na convalidação (ou não) das regras previamente estipuladas. Em relação, entretanto, à racionalização da performance humana, esta peça nem sequer servia para tal grupo. Não há relatos de treinos, encontros preparatórios ou dedicação ao desempenho físico. As únicas exceções foram os poucos, mas proveitosos, encontros que tive com um dos integrantes do time a fim de treinar habilidades específicas de goleiro. Entretanto, tal comportamento não pode ser atribuído ao coletivo.

A racionalização, assim, mostra-se, ainda que de forma parcial, presente nas atividades e encontros deste memorável time de amigos. Fato que pouco se vê quando analisamos a burocratização, quinta característica atribuída por Guttmann aos esportes modernos. Isto, considerando que as atividades externas à prática do jogo se reduziam às atividades desempenhadas por Brunão, em prol de manter ativo o time, organizando jogos e propondo novos desafios ao grupo.

Como sexta vestimenta, está a quantificação, vinculada à comparação de resultados e performances dos seres humanos. Há de se considerar existente, porém classificada como uma sutil racionalização, uma vez que esta se mostrava presente de modo informal e local, por meio de comparações e análises em forma de comentários e conversas após as partidas. Entretanto não se via grandes comparações, nem análises, nem mesmo nos poucos campeonatos caseiros que participamos; nestes, claro, havia a tabulação dos jogos e estudo da tabela por alguns, mas além dos processos de organização interna das atividades, não se via grandes preocupações em quantificar as performances dos participantes. Éramos um grupo de amigos que nos divertíamos jogando bola.

Fato que comprova a sutileza desta característica em nossas práticas foi durante um jogo no qual ganhávamos despreocupados, para variar, de nossos adversários, Os Manés. Para quem jogava do meio campo a frente, o jogo se mostrava interessante, mas para quem estava na zaga, ou no gol, a situação estava monótona. Dentre alguns diálogos que tivemos, Bola (o zagueiro do time) havia me perguntado se poderia fazer um pênalti no próximo ataque adversário, afinal de contas, precisávamos de mais emoção naquela manhã. Respondi, descrente da veracidade de sua

intenção, que sim. Longos minutos se passaram e enfim vieram ao ataque. Recordo-me de ver duas pessoas correndo; uma delas com a bola e a outra atrás, até que vejo um se pendurando no outro e a bola esquecida rolando para a linha de fundo. Sim, era o Bola aplicando praticamente um ippon durante a partida. Pênalti claro e gol do adversário. Sentamos no chão de tanto rir. A cena havia marcado nosso encontro e mais, havia confirmado o porquê de estarmos ali.

Se baixa era a existência da quantificação em nossos jogos, tampouco era a busca por recordes. Como sétima e última característica, o anseio por superar limites e conquistar novos desafios, se presente, mostrava-se em âmbito pessoal. Dentre os poucos e caseiros campeonatos dos quais participamos não havia expectativa maior para nosso time, senão almejar o primeiro lugar. Não havia ranqueamentos, saldo de gols, troféus e destaque do ano, mas havia os elogios, as risadas, os abraços, os aplausos para as jogadas bonitas, pelas belas defesas e pela boa partida disputada. Recompensas que alimentavam motivações intrínsecas de cada jogador ali presente.

Ao final da prova das sete características atribuídas por Guttman ao esporte moderno às práticas do Bambuzinho F. C., observa-se um panorama diferente ao da análise do baseball, e do football realizado pelo autor em questão. Depara-se, agora, com a presença de determinadas particularidades e com a ausência de outras; nestas práticas aqui descritas não estão reunidas todas as características do esporte moderno. Isto se deve pela distância e dificuldade existente em colocar à prova conceitos e concepções ideais, rígidas e inflexíveis às variedades e suscetibilidades da realidade contrastada. Reutilizo-me, assim, da analogia apresentada no capítulo anterior quanto ao processo de colocar em caixas quadradas e rígidas, objetos volumosos e disformes; sobras e excessos sempre serão encontrados em tentativas como esta. Cabe ao pesquisador, não só encaixar tais objetos em suas respectivas caixas, mas se esforçar em abrigar e organizar seus excessos e partes não encaixadas. Interpretar uma vivência, uma realidade, a partir dos modelos ideais weberianos significa disponibilizar-se para tecer comentários e análises externas ao processo inicial. A complexidade da realidade e suas respectivas dinâmicas exigem do pesquisador a capacidade de não se limitar às beiradas dos modelos teóricos, excluindo ou desvalorizando aspectos reais que as ultrapassam, enxergando-os, assim, como importantes pontos e eixos de análise do trabalho.

Resta-nos interpretar e analisar tal grupo de prática a partir dos pressupostos apresentados por Guttman, ressaltando, assim a existência e a não existência de elementos modernos, o que remeteria a uma prática com resquícios primitivos e, ao mesmo tempo, de tempos atuais. Cabem, assim, duas possíveis interpretações dentre as contribuições do autor.

A primeira seria compreender este grupo de práticas e suas atividades como, segundo palavras do próprio autor, “[...] não uma contradição, mas uma situação complexa, paradoxal [...]”⁵⁰ (Ibidem, p. 114), que apresenta dinâmica única e especial entre suas características. Peculiaridade esta, explicada pelo distinto âmbito de prática analisado; Allen Guttman teve como referência básica os esportes modernos de alto rendimento, modelos de práticas em muitas sociedades, mas que apresentam diferenças e peculiaridades distintas dos esportes de lazer e educacionais. Neste caso, as partidas do Bambuzinho F. C., seriam aqui interpretadas como práticas modernas dotadas de características destoantes dos esportes de desempenho (alto nível, espetáculo), encaixando-se em caixas de moldes e tamanhos diferentes daquelas, despontando para um novo horizonte de análise: os esportes de lazer.

Diferentemente, em uma segunda análise, a óptica da discussão estaria no escopo primitivo-moderno, atribuindo a tais práticas as mesmas vias de análise que aos jogadores de futebol Sul Africanos de Zulu (comunidade que vive em Durban). Segundo Guttman, “o jogo deles, futebol, é o mais difundido jogo com bolas moderno, mas a percepção deles do jogo assimila-se a qualquer estilo de vida que não o moderno”⁵¹ (Ibidem, p.18) apontando que, apesar de apresentarem um jogo com determinadas características modernas, outras facetas do mesmo, assim como o estilo de vida da comunidade, atraem-nos às sociedades primitivas. Guttman, então, os classifica como membros de uma cultura transitória entre a tribal e a organização social moderna (Ibidem, p.18). O mesmo processo de análise cabe às práticas do grupo em questão, uma vez que Guttman faz, de casos que se distanciam de seu modelo ideal, remeterem-se a uma relação de transição ou complementaridade entre primitivo e moderno. Pode-se, assim, dizer que as partidas disputadas pelo Bambuzinho F. C., por apresentarem apenas algumas das sete

⁵⁰ “[...]not a contradiction but a complexity, a paradoxical situation [...]”.

⁵¹ “Their game, soccer, is the most widespread of modern ballgames, but their perception of the game assimilates it to a way of life anything but modern”.

características dos esportes modernos, poderiam, também, serem incluídas neste padrão de análise apresentado pelo autor.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto da pesquisa, quando as contribuições de Guttman foram apresentadas e analisadas, assim como a interpretação de experiências pessoais do autor deste trabalho a partir das mesmas, cabem agora poucas palavras a respeito do rico processo percorrido, de suas contribuições e desafios.

Destaca-se, inicialmente, a comunicação e proximidade entre os responsáveis por tal trabalho. O forte comprometimento e acompanhamento, tanto do autor, quanto da orientadora e do co-orientador, mostraram-se presente, principalmente, na reformulação das atividades iniciais planejadas. Uma vez que o processo de estudo e compreensão da obra *From Ritual to Record* mostrou-se mais extenso e detalhado do que o planejado, conforme relatado nas páginas iniciais, a magnitude da pesquisa precisou ser revista e, de certa forma, reduzida. Decisão esta, incabível caso não existisse plena comunicação entre o pesquisador e os orientadores e acompanhamento dos mesmos nas atividades desenvolvidas. A preocupação com a assimilação do conteúdo estudado e com a qualidade deste trabalho foram fatores que impulsionaram a decisão de reduzir o projeto inicial para a análise de um único autor, mudança que se mostrou e proporcionou extrema maturidade entre os envolvidos.

Em segundo lugar, há que se destacar o processo de leitura e análise da obra em questão. O aperfeiçoamento dos métodos de estudo e, por conseqüência, da dinâmica do mesmo permitiu, aos envolvidos, uma clara compreensão do conteúdo analisado. Somado a ele, deu-se o processo de escrita e elaboração textual, nos quais novas conexões e relações mais profundas da obra foram identificadas e pontuadas, potencializando, assim, os resultados do trabalho.

Processo este objetivo e analítico, convalidado no exercício de interpretação, diálogo, comparação da teoria estudada com exemplos práticos; terceiro ponto a ser enfatizado. Por tais práticas serem recordações esportivas do próprio autor, exigiu-lhe analisar tais vivências passadas a partir de uma perspectiva recém adquirida, transpondo memórias e sensações pessoais a uma análise pontual e sistemática de tais momentos - conforme dito anteriormente, um exercício de sensibilidade e capacidade analítica fortalecendo a apropriação do referencial estudado.

Por fim, o que se encontra é um trabalho realizado a partir de muito esforço e cuidado. Resultado de leituras, reflexões, discussões e escritas. Uma caminhada, rumo a um grande quadro teórico acerca das contribuições sobre esporte, que se inicia de forma rica e concisa.

A flor, mostra-se agora, madura e saudável. Dança ao sabor dos ventos. Delicia-se nas gotas da chuva. O canteiro deixou de existir; agora, o jardineiro conquistara um jardim, repleto de detalhes e nuances, cores e perfumes. Sentado a frente dele, está agora o jovem, refletindo e relembrando-se do processo vivido. Quantas dúvidas e incertezas. Alegrias e conquistas.

Olhou para o lado, abriu a torneira, lavou as mãos e as secou brevemente – a etapa havia sido concluída. Pensara então nas outras plantas que deixara para trás. Sorriu novamente. Sabia que poderia plantá-las quando quisesse, mas agora, permitia-se deitar e descansar por alguns minutos.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989 apud STIGGER, M. P. **Estudos etnográficos sobre esporte e lazer**: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. S. **O esporte na cidade**: Estudos Etnográficos sobre Sociabilidades Esportivas em Espaços Urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

TRAGTENBERG, Maurício. **Apresentação**. 1997 in: WEBER, Max. **Weber (textos selecionados)**. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Economistas), 1997 Apud PILATTI, L.M., **Guttman e o tipo ideal de esporte moderno**. In: PRONI, M., LUCENA, R. (orgs). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.